

Alai Diniz (São Paulo, 1949)

Canhota, nascida em Arujá, SP, em 1949. Estuda na USP da Graduação em Letras ao Doutorado. Ventriloca (2009) reúne poemas em performance. Tradutora e poeta. Professora na periferia de São Paulo, conclui a carreira entre a UFSC e UNILA. Hoje se divide entre P. Visitante Sênior na Unioeste, Cascavel, Pós-graduação em Letras, bolsista da Fundação Araucária. De regresso a São Paulo, atua no Espaço de Convivência Cultural I Love laje e se reinventa como cronista da várzea, além de adepta de sarau.

A PLENOS PULMÕES

“Não lamente, organize. Não se desespere, crie.”

Eis o lema do movimento *Black Lives Matter* dos Estados Unidos. Com ele na mente abordo o tema da guerra em diferentes contextos. No advento da trampa da era Trump, esse coletivo afro-americano compreende a balela que é a “diversidade” e a retórica da tolerância que lá camufla a violência racial. Impera, de fato, uma guerra cultural! Recentes fatos mostram que se no hemisfério norte a guerra cultural parte do racismo, no sul a cultura restringe e controla o direito à cultura.

Na Argentina, um trabalhador de limpeza do metro ganha um prêmio de literatura. Enrique Ferrari, Kike, de 44 anos, não se ilude, consciente de que literatura não enche barriga. Mesmo com publicações em diferentes países de *Semana Negra de Gijón* (2012), Kike se rebela contra o rótulo de “escritor do metro” e dá um banho quando diz: *Es la extrañeza capitalista y burguesa pensar que los trabajadores no tenemos nada que ver con la cultura*”.

Curiosamente, aqui em São Paulo, a discriminação também finca seus espinhos na Casa das Rosas, entrando o ano de 2017. Qual não foi minha surpresa ao saber que o Sarau que freqüente na Casa das Rosas não ocorrerá mais mensalmente. Em 1995, em pesquisa de Doutorado, tive o prazer de conhecer os irmãos, Haroldo e Augusto de Campos, em um seminário em Yale. Reconheço o trabalho deixado por eles entre a iconoclastia e a experimentação na poética e no campo da tradução estética, como também nas polêmicas que se enfrentavam a modelos de tradição uspiiana, calcada, por vezes, no colonialismo francês. Contextualizo minha indignação.

Hoje, aposentada e de volta à cidade de São Paulo, virei assídua do Sarau A PLENOS PULMÕES, conduzido por Marco Pezão. Encontrei no evento a acolhida que buscava na velocidade de uma metrópole nem sempre sensível e gentil. Há seis anos como espaço de convívio, abriga pessoas como eu, cidadãs ou cidadãos que, amantes da poesia vocalizada, elabora sua produção poética participando dos saraus como laboratório criativo. Esse campo se efetiva em um gênero específico, o da oralidade poética que, de Homero aos repentistas, de trovadores a *griots*, foi atualizado pela literatura periférica, criando e disseminando o gosto pelo poema falado, cantado, *performatado* entre a literatura e outras artes. Para mim constitui um fenômeno digno de ser entendido, pesquisado e contemplado, em uma metrópole como São Paulo, cujos espaços comercializados de lazer, historicamente, cavam fossos sociais no terreno cultural. É sobre esta guerra que quero falar aqui. Não é à toa que a periferia inventa no início do século XXI um modo de conceber, experimentar e transmitir o poema, com base no ato performático em que o leitor se transforma em espectador. E os papéis mudam durante o encontro. Microfone aberto é interação. Quem assiste também fala. Não há polarização, pois a riqueza do processo é justamente o dinamismo. No espaço do *sarau* (termo este atualizado por Marco Pezão) é onde o rapsodo se exercita, seja pela capacidade de memorizar, pela ousadia da performance que opera a convivialidade. Do bairro da Saúde, ao Campo Limpo, do Butantã à Vila Maria, são muitos os habitués que freqüentam o sarau da Casa das Rosas na Avenida Paulista. Entretanto, a nova gestão retira desse Sarau um dos elementos cruciais: sua periodicidade. O Sarau A Plenos Pulmões da Casa das Rosas sempre foi mensal. Como prática cultural na contramão, vem da periferia ao centro de São Paulo, portanto, não está caracterizado pela

territorialidade, e sim por seu caráter temporal. Há seis anos acontece no primeiro sábado de cada mês. Sobreviverá ao se diluir no tempo?

Se a proposta é a diversidade do gênero poético por que retirar sua periodicidade? Ninguém duvida da necessidade de propor, criar e transformar os eventos da Casa das Rosas, mas por que perturbar o que, de fato, atrai um outro tipo de público? O carteiro, o ator, diferentes professoras aposentadas ou na ativa; o performer de poemas, o compositor de coco; a poeta afro-brasileira, o poeta baiano que passa por São Paulo, ou a paraense que realiza saraus em Belém. Em nome de quê elitizar mais a Casa das Rosas e restringir o acesso a um bem cultural diferenciado no centro da cidade? Em lugar de prejudicar o acesso do que foge ao matiz acadêmico, ao cânone, por que não ocupar nisso outros horários? Então, com esse ato deliberado, Marcelo Tappia dificulta a convergência de diferentes poetas ou de coletivos da literatura periférica. Conquistada pelos irmãos Campos na Avenida da FIESP, a Casa das Rosas, articulava-se com um legado deixado por Frederico Barbosa ao se ampliar, ao se abrir e ao tornar possível a voz da margem em um desses espaços urbanos elitistas e nobres. Vejo nesse expoente histórico dos saraus, Marco Pezão, uma hábil condução dessa vertente representativa da cultura da periferia e que se dedica a uma população oriunda dos bolsões de vulnerabilidade social (emocional) do centro de São Paulo e isso lhe confere sim heterogeneidade, mas a abertura do microfone expressa um amplo espectro que vai dos nove aos oitenta anos de idade, havendo aí também um encontro intergeracional com poemas que vão da palavra cantada, a cocos-de-roda... A migração é uma das bagagens da periferia. Cabendo também o performer que memoriza um longo poema e o atualiza como um da polonesa Wislawa Szymborska, prêmio Nobel de literatura. De poemas líricos ou confessionais aos haikais, do viés bem humorado dos Poetas do Tietê a práticas afro-brasileiras de oralidade em que se combina percussão, voz e corpo, nesse domínio se trocava respeito, alegria e criação. Do menino que inicia sua produção à jovem que publica seus poemas de alta densidade, a partir do Sarau A plenos Pulmões. Tudo isso em um ritual afetivo no pacto de uma partilha do sensível (Rancière) que traduz também a idéia de Gilles Deleuze de que literatura é saúde. No sarau, uns mais, outros menos, o poema invoca outro efeito com a vocalidade. Nesse tempo testemunhei poetas do Pará, Pernambuco, Bahia, do interior do Estado de São Paulo, que em sua

passagem pela cidade, buscavam a Casa das Rosas para apresentarem um poema de seu livro já publicado. O circuito abrange o país inteiro.

Não pretendo rotular esse espinho fincado na literatura periférica, como tantos outros que a discriminam, segregando-a a um espaço determinado, mas por que não pesquisar a popularidade do evento? Consultar o estrato social dos espectadores? Refletir sobre a democratização da cultura em espaços públicos como esses do centro? Participar de um evento para abrir o diálogo franco e assistir a um dos saraus para entender meu ponto de vista? Seria o mínimo que se poderia esperar de uma gestão aberta e disposta a aceitar outras veredas estéticas pós-autônomas (Ludmer), ainda tão pouco estudadas e pesquisadas na academia. Fique aqui esse apelo contra um ato subliminar de guerra cultural.

Alai Diniz, janeiro/2017